

O Poeta

Vinícius de Moraes

Enviado por:

Publicado em : 22/08/2011 14:18:04

I
Quantos somos, não sei...
Somos um, talvez dois, três, talvez, quatro;
cinco, talvez nada
Talvez a multiplicação de cinco em cinco mil
e cujos restos encheriam doze terras
Quantos, não sei... Só sei que somos muitos -
o desespero da dízima infinita
E que somos belos deuses mas somos trágicos.

Vimos de longe... Quem sabe no sono de Deus
tenhamos aparecido como espectros
Da boca ardente dos vulcões
ou da órbita cega dos lagos desaparecidos
Quem sabe tenhamos germinado misteriosamente
do sono cauterizado das batalhas
Ou do ventre das baleias quem sabe tenhamos surgido?

Vimos de longe - trazemos em nós o orgulho do anjo rebelado
Do que criou e fez nascer o fogo da ilimitada
e altíssima misericórdia
Trazemos em nós o orgulho de sermos úlceras
no eterno corpo de Jó
E não púrpura e ouro no corpo efêmero de Faraó.

Nascemos da fonte e viemos puros porque herdeiros do sangue
E também disformes porque - ai dos escravos!
não há beleza nas origens
Voávamos - Deus dera a asa do bem
e a asa do mal às nossas formas impalpáveis
Recolhendo a alma das coisas para o castigo
e para a perfeição na vida eterna.

Nascemos da fonte e dentro das eras vagamos
como sementes invisíveis
o coração dos mundos e dos homens
Deixando atrás de nós o espaço como a memória latente
da nossa vida anterior
Porque o espaço é o tempo morto -
e o espaço é a memória do poeta

Como o tempo vivo é a memória do homem sobre a terra.

Foi muito antes dos pássaros -
apenas rolavam na esfera os cantos de Deus
E apenas a sua sombra imensa cruzava o ar como um farol alucinado...
Existíamos já...
No caos de Deus girávamos como o pó prisioneiro da vertigem
Mas de onde viéramos nós e por que privilégio recebido?

E enquanto o eterno tirava da música vazia a harmonia criadora
E da harmonia criadora a ordem dos seres e da ordem dos seres o amor
E do amor a morte e da morte o tempo e do tempo o sofrimento
E do sofrimento a contemplação e da contemplação a serenidade ímperecível

Nós percorríamos como estranhas larvas a forma patética dos astros
Assistimos ao mistério da revelação dos Trópicos e dos Signos
Como, não sei... Éramos a primeira manifestação da divindade
Éramos o primeiro ovo se fecundando à cálida centelha.

Vivemos o inconsciente das idades
nos braços palpitantes dos ciclones
E as germinações da carne
no dorso descarnado dos luares
Assistimos ao mistério da revelação dos Trópicos e dos Signos
E a espantosa encantação dos eclipses e das esfinges.

Descemos longamente o espelho contemplativo
das águas dos rios do Éden
E vimos, entre os animais,
o homem possuir doidamente a fêmea sobre a relva
Seguimos... E quando o decurião feriu o peito de Deus crucificado
Como borboletas de sangue brotamos da carne aberta
e para o amor celestial voamos.

Quantos somos, não sei...
somos um, talvez dois, três, talvez quatro;
cinco, talvez, nada
Talvez a multiplicação de cinco mil
e cujos restos encheriam doze terras
Quantos, não sei...
Somos a constelação perdida que caminha largando estrelas
Somos a estrela perdida que caminha desfeita em luz.

II

E uma vez, quando ajoelhados assistíamos à dança nua das auroras
Surgiu do céu parado como uma visão de alta serenidade
Uma branca mulher de cujo sexo a luz jorrava em ondas
E de cujos seios corria um doce leite ignorado.

Oh, como ela era bela! era impura - mas como ela era bela!
Era como um canto ou como uma flor brotando ou como um cisne
Tinha um sorriso de praia em madrugada e um olhar evanescente
E uma cabeleira de luz como uma cachoeira em plenilúnio.

Vinha dela uma fala de amor irresistível
Um chamado como uma canção noturna na distância
Um calor de corpo dormindo e um abandono de onda descendo
Uma sedução de vela fugindo ou de garça voando.

E a ela fomos e a ela nos misturamos e a tivemos...
Em véus de neblina fugiam as auroras nos braços do vento
Mas que nos importava
se também ela nos carregava nos seus braços
E se o seu leite sobre nós escorria e pelo céu?

Ela nos acolheu, estranhos parasitas, pelo seu corpo desnudado
E nós a amamos e defendemos e nós no ventre a fecundamos
Dormíamos sobre os seus seios apoiados ao clarão das tormentas
E desejávamos ser astros para inda melhor compreendê-la.

Uma noite o horrível sonho
desceu sobre as nossas almas sossegadas
A amada ia ficando gelada e silenciosa -
luzes morriam nos seus olhos...
Do seu peito corria o leite frio
e ao nosso amor desacordada
Subiu mais alto e mais além,
morta dentro do espaço.

Muito tempo choramos
e as nossas lágrimas inundaram a terra
Mas morre toda a dor ante a visão dolorosa da beleza
Ao vulto da manhã sonhamos a paz e a desejamos
Sonhamos a grande viagem através da serenidade das crateras.

Mas quando as nossas asas vibraram no ar dormente
Sentimos a prisão nebulosa de leite envolvendo as nossas espécies
A Via Láctea - o rio da paixão correndo sobre a pureza das estrelas
A linfa dos peitos da amada que um dia morreu.

Maldito o que bebeu o leite dos seios da virgem
que não era mãe mas era amante
Maldito o que se banhou na luz
que não era pura mas ardente
Maldito o que se demorou na contemplação do sexo
que não era calmo mas amargo
O que beijou os lábios
que eram como a ferida dando sangue!

E nós ali ficamos, batendo as asas libertas,
escravos do misterioso plasma
Metade anjo, metade demônio,
cheios de euforia do vento e da doçura do cárcere remoto
Debruçados sobre a terra,
mostrando a maravilhosa essência da nossa vida
Lírios, já agora turvos lírios das campas,
nascidos da face lívida da morte.

III

Mas vai que havia por esse tempo nas tribos da terra
Estranhas mulheres de olhos parados e longas vestes nazarena
Que tinham o plácido amor nos gestos tristes e sereno
E o divino desejo nos frios lábios anelantes.

E quando as noites estelares freíam nos campos sem lua
E a Via Láctea como uma visão de lágrimas surgia
Elas beijavam de leve a face do homem dormindo no feno
E saíam dos casebres ocultos, pelas estradas murmurantes.

E no momento em que a planície escura
beijava os dois longínquos horizontes
E o céu se derramava iluminadamente sobre a várzea
lam as mulheres e se deitavam no chão paralisadas
As brancas túnicas abertas e o branco ventre desnudado.

E pela noite adentro elas ficavam, descobertas
O amante olhar boiando sobre a grande plantação de estrelas
No desejo sem fim dos pequenos seres de luz alcandorados
Que palpitavam na distância numa promessa de beleza.

E tão eternamente os desejavam e tão na alma os possuíam
Que às vezes desgravitados uns despenhavam-se no espaço
E vertiginosamente caíam numa chuva de fogo e de fulgores
Pelo misterioso tropismo subitamente carregados.

Nesse instante, ao delíquio de amor das destinadas
Num milagre de unção, delas se projetava à altura
Como um cogumelo gigantesco um grande útero fremente
Que ao céu colhia a estrela e ao ventre retornava.

E assim pelo ciclo negro da pálida esfera através do tempo
Ao clarão imortal dos pássaros de fogo cruzando o céu noturno
As mulheres, aos gritos agudos da carne rompida de dentro
lam se fecundando ao amor puríssimo do espaço.

E às cores da manhã elas voltavam vagarosas
Pelas estradas frescas, através dos vastos bosques de pinheiros

E ao chegar, no feno onde o homem sereno inda dormia
Em preces rituais e cantos místicos velavam.

Um dia mordiam-lhes o ventre, nas entranhas -
entre raios de sol vinha tormenta...
Sofriam... e ao estridor dos elementos confundidos
Deitavam à terra o fruto maldito de cuja face transtornada
As primeiras e mais tristes lágrimas desciam.

Tinha nascido o poeta. Sua face é bela, seu coração é trágico
Seu destino é atroz; ao triste materno beijo mudo e ausente
Ele parte! Busca ainda as viagens eternas da origem
Sonha ainda a música um dia ouvida em sua essência.